



Estudante Lis Alves Argollo, 2º ano

Colégio Vitória – BA, Prof. Emerson Nascimento.

Tomo a ousadia de parafrasear Machado de Assis: a você, caro(a) leitor(a), que reservou um tempo do seu precioso dia para ler este texto, espero que tenha feito uma boa escolha.

Eu me chamo Lis Alves Argollo, estudo no Colégio Vitória, estou no segundo ano do Ensino Médio e nesse momento me encontro sentada em frente ao computador com algumas ideias na cabeça (não que essa informação vá fazer alguma diferença na sua vida, mas, bem, prossigamos).

Ao entrar na sala do Projeto Conexões, o professor Emerson me entregou uma folha que continha espaços em branco, os quais eu deveria preencher com as seguintes informações: cinco imagens que eu mais gostei, descrição dessas imagens e o porquê da minha escolha. Essa mesma folha dizia que eu deveria fazer um texto me apresentando e expondo minhas primeiras sensações sobre o espaço, o que eu já estou fazendo, mas vou fingir que não e dizer que irei começá-lo agora. Então, se quiser, me acompanhe.

Em pequenas coisas podemos encontrar grandes capacidades. Do vinil ao mp3... quem diria que em tão pouco tempo seríamos capazes de tantas realizações. A mente do ser humano é algo infinito, rico e que pode mudar o mundo. Quando olho para a imagem que gosto de chamar de rosto da diversidade, noto a expressão forte de Romero Brito, as cores do Brasil e um coração na bochecha de Mandela (que também pode ser Obama), que me fez lembrar do quão forte deveria ser o seu amor africano para lutar por uma causa tão nobre. O círculo vermelho compondo o outro lado da face me trouxe à tona os índios, que foram tão importantes para a formação da nossa pátria e que agora lutam para manter o que resta de suas tribos no território. Também vejo uns Pis (π) aqui e ali.

Quando olhei para a fita cassete, logo reparei nos dois círculos posicionados no meio, ligados por uma fita. Me lembrou o infinito. Então, relacionei aquilo com os Pis de Romero Brito e percebi que, assim como a matemática, a música também é infinita. Enquanto observava o rosto de Charles Chaplin logo atrás da porta, via os olhos de alguém cansado. Cansado de explicar para as pessoas algo que era tão óbvio, mas ao mesmo tempo tão complexo que poucos seriam capazes de entender. E, só assim, percebi que um segundo é, sim, tempo suficiente para mudar o mundo, basta enxergá-lo de um ponto de vista diferente, como as lentes dos óculos cinza, que mostram a visão de alguém que está pronto para ir além. Alguém que não quer deixar que a pobreza se transforme em paisagem e não quer crianças chinesas,



indianas, bengalesas, vietnamitas ou de qualquer outra nacionalidade sendo exploradas e expostas às condições de uma fábrica da época da revolução industrial.

Bom, acho que a essa altura você já deve estar cansado(a) de ler esse texto, ou não. Afinal, até eu achei que dei uma viajada boa. Mas espero que consiga ter me acompanhado um pouco. E agora, para encerrar esta obra de uma página, te entrego este poema (que, sim, remete a uma das imagens da sala, e, não, eu não irei dizer qual é, mas tenho a certeza de que você irá descobrir bem rapidinho):

Onde parar? Não sabemos.

Vida... nada tão veloz, escorrendo entre os dedos.

Podemos fazer sempre nosso próprio destino.

Porém, sem vida, nada.

(Usei seis imagens e você nem percebeu, não foi? Por favor, diga que não, só para não tirar minha graça.)

Conexões